

POPULISMO E PANDEMIA NO JORNALISMO DE TELEVISÃO: A COBERTURA DA COVID-19 E AS REPRESENTAÇÕES DE JAIR BOLSONARO NO FANTÁSTICO E NO DOMINGO ESPETACULAR¹

POPULISM AND THE PANDEMIC IN TELEVISION JOURNALISM: THE COVERAGE OF COVID-19 AND THE REPRESENTATIONS OF JAIR BOLSONARO IN THE FANTÁSTICO AND DOMINGO ESPETACULAR

Bruna Cardoso Soares da Silva²
Bruno Bernardo de Araújo³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender a cobertura jornalística da crise do novo coronavírus nas revistas eletrônicas *Fantástico* e *Domingo Espetacular*. Além de analisar a cobertura, em termos de temas e vozes mais presentes, a pesquisa investiga em que medida as escolhas temáticas e os enquadramentos envolvidos nos dois programas possuem algum grau de relação com a agenda populista do governo Bolsonaro acerca da pandemia de Covid-19. Mais especificamente, neste resumo, interessamos entender de que maneira o presidente Jair Bolsonaro foi representado naqueles dois programas jornalísticos, os dois de maior audiência aos domingos, na televisão aberta. Diante disso, como a cobertura jornalística em televisão tratou do tema “Covid-19” nos momentos mais críticos da pandemia e de que maneira o jornalismo lidou com uma liderança política como Bolsonaro, que apostou em práticas de negação da crise, promovendo um populismo médico acerca de uma crise de amplo impacto na sociedade? É neste contexto que o presente trabalho se insere.

Palavras-Chave: Populismo. Bolsonaro. Telejornal.

Abstract: This work aims to understand the journalistic coverage of the new coronavirus crisis in the electronic magazines *Fantástico* and *Domingo Espetacular*. In addition to analyzing the coverage, in terms of themes and more present voices, the research investigates to what extent the thematic choices and frameworks involved in the two programs have some degree of relationship with the populist agenda of the Bolsonaro government regarding the Covid-19 pandemic. More specifically, in this summary, we are interested in understanding how President Jair Bolsonaro was represented in those two

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Graduanda do curso de jornalismo na UFMT, bcardoso426@gmail.com

³ Professor Doutor do curso de jornalismo na UFMT, brrunoaraujo@gmail.com

journalistic programs, the two with the highest audience on Sundays, on open television. In view of this, how journalistic coverage on television dealt with the topic “Covid-19” in the most critical moments of the pandemic and how journalism dealt with a political leadership like Bolsonaro, who bet on practices of crisis denial, promoting a medical populism about a crisis with a wide impact on society? It is in this context that the present work is inserted.

Keywords: Populism. Bolsonaro. Newscast

1. Introdução

A crise causada pela Covid-19 causou impactos profundos nas sociedades do mundo inteiro. Em alguns contextos, a intensidade da pandemia foi maior que em outros. E isso pode ter relação com diversos fatores. No topo das estatísticas, Estados Unidos e Brasil ocupam até hoje as duas primeiras posições no ranking de países com mais mortes por decorrência da pandemia, com 1,05 milhões de mortes nos Estados Unidos e 686 mil mortes no Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴. Um elemento que conecta a situação dos dois países no contexto da Covid-19 é a circunstância de ambos terem sido governados por líderes populistas durante a fase mais crítica da pandemia. Donald Trump e Jair Bolsonaro adotaram posturas de negação da gravidade da crise, praticando um tipo de populismo médico, que se caracteriza, entre outros elementos, pela simplificação da abordagem sobre a doença e pela tentativa de ressignificar o conhecimento especializado, com descrédito do trabalho da ciência (LASCO, 2020).

De fato, no Brasil, Jair Bolsonaro minimizou a crise pandêmica, no mesmo instante em que a OMS orientava a população dos países atingidos a adotarem as medidas necessárias para conter o vírus, como o distanciamento social, uso de máscaras e cuidados higiênicos como a lavagem contínua das mãos, o uso de álcool-gel 70% e outras. Em vez de seguir as autoridades sanitárias, Bolsonaro fez um pronunciamento em rede aberta no dia 24/03/2020, quando o país alcançou 2.271

⁴ <https://covid19.who.int/table> consultado em 24 de ago.2022.

casos e 47 mortes⁵, comparando a Covid-19 a uma simples “gripezinha”⁶. Além disso, promoveu aglomerações, insistiu em discursos de desinformação sobre vacinas e atacou jornalistas que cobriam a crise, além de autoridades do poder judiciário e governadores de estado que resolveram adotar medidas de isolamento em seus estados. O presidente protagonizou situações que criaram um estado de crise permanente dentro de um contexto já bastante grave (MORAES; COSTA; BERNARDI, 2020). Seu governo, como um todo, também foi bastante hesitante na tomada de medidas necessárias, criando falsas polêmicas, como a dicotomia entre economia e saúde pública, além de ter recusado ofertas de venda de vacina num momento em que havia escassez mundial, perdendo oportunidades estratégicas que poderiam ter diminuído o número de mortes.

[...] no Brasil, crenças negacionistas disseminadas pelo governo federal levaram a baixa adesão às medidas de isolamento, desvalorização do uso de máscaras, baixa testagem e rastreamento de contactantes, resultando em uma das piores curvas epidemiológicas do mundo, com manutenção de alta média móvel de casos e óbitos por longo período de tempo, tornando o país o terceiro em número absoluto de casos registrados e o segundo no *ranking* de óbitos pela doença no mundo. Assim, a postura negacionista que permeou os mais de 20 meses do vírus no país, acrescida da falta de controle incisivo e uniformidade na condução da pandemia, resultou na hesitação da população na adoção das medidas de controle, dificultando a contenção de comportamentos de risco para o contágio (MACIEL et al, 2022, p. 952).

Se, de um lado, a visão negacionista de lideranças populistas dificultou o enfrentamento da crise, por outro, o jornalismo teve um papel importante na pandemia, como espaço de prestação de serviços e de esclarecimentos à população. Mas também neste ponto é preciso considerar os casos concretos, já que pode haver semelhanças, mas também diferenças, na estrutura das reportagens e, portanto, no assunto abordado na cobertura de crises de saúde pública (SILVA, 2013). O que é

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/24/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-24-de-marco>

⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra>> Acesso em: 24 de mar. 2022.

certo é que a televisão teve um papel relevante na pandemia e apresentou, no Brasil, um crescimento de sua audiência, apesar da importância também das redes sociais. De acordo com a Kantar Ibope Media, o consumo de televisão teve um pico de 76,6% no dia 24/03/2020⁷, no momento em que o país ainda estava no início da crise. Além disso, segundo o Instituto Datafolha, os programas jornalísticos de televisão foram considerados os mais confiáveis para obter informações sobre a covid-19 por 61% das pessoas⁸.

Diante disso, como a cobertura jornalística em televisão tratou do tema “Covid-19” nos momentos mais críticos da pandemia e de que maneira o jornalismo lidou com uma liderança política como Bolsonaro, que apostou em práticas de negação da crise, promovendo um populismo médico acerca de uma crise de amplo impacto na sociedade? É neste contexto que o presente trabalho se insere. Para compreender a questão, vamos estudar a cobertura de dois programas jornalísticos dominicais, com ampla audiência nas noites de domingo no país: o Fantástico, da TV Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV. As duas emissoras ocupam, hoje, as primeiras posições em termos de audiência na televisão aberta brasileira, uma das principais fontes dos brasileiros na crise. O artigo pretende responder a duas questões de pesquisa: (i) como se deu a cobertura jornalística da pandemia, em termos de fontes/vozes e de tematização da crise nos seus momentos-chave; e (ii) de que forma Jair Bolsonaro foi enquadrado na cobertura, no sentido de entender como os programas repercutiram a postura negacionista do presidente na crise. Assim, interessa-nos saber como as duas principais emissoras de televisão do país cobriram a crise e representaram a figura de um presidente que contribuiu bastante para o seu aprofundamento.

Em termos metodológicos, adotaremos uma análise de conteúdo combinada com análise de enquadramento, para estudar a cobertura em cinco momentos-chave

⁷ Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/a-tv-em-tempos-de-covid-19-impactos-e-mudancas-no-comportamento-da-sociedade/>> Acesso em: 28 de mar. 2022

⁸ Disponível: <<https://www.google.com/url?q=https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/tvs-e-jornais-lideram-indice-de-confianca-em-informacoes-sobre-coronavirus-diz-datafolha.shtml&sa=D&source=docs&ust=1664035857913583&usq=AOvVaw3MbFdW fKaQ8rU Aes 0Oqw>> Acesso em: 28 de mar. 2022.

da crise: abril de 2020, mês em que ocorre uma subida exponencial nos números de infectados e mortos; agosto de 2020, mês em que o Brasil somou 100 mil mortos por Covid-19; janeiro de 2021, quando ocorreu o colapso na saúde em Manaus; maio de 2021, quando foi instalado a CPI da Covid-19; e por último, outubro de 2021 quando se encerrou a CPI da Covid.

O artigo está dividido da seguinte maneira: além desta Introdução, (i) uma discussão sobre populismo e pandemia, para apresentar o conceito de populismo médico e a sua relação com Bolsonaro; (ii) uma reflexão sobre o telejornalismo brasileiro na pandemia, com a caracterização dos meios; (iii) metodologia, com a descrição das ferramentas e abordagens escolhidas para analisar o material coletado durante os cinco meses analisados; (iv) análises e (v) conclusões.

2. Populismo e pandemia no Brasil: o fenômeno do populismo médico

Em linha com a literatura sobre o fenômeno do populismo, entendemos Jair Bolsonaro como uma liderança populista de extrema-direita, que se notabiliza por um ataque permanente às instituições e o investimento em um discurso moralista, de teor nacionalista, de enaltecimento das forças de segurança e de resgate de um passado autoritário (MUDDE; KALTWASSER, 2017). Na sua ação política, Bolsonaro também se caracteriza pelo discurso de depreciação e de desconstrução do outro, que surge como um inimigo a ser combatido e responsável por aquilo que ele afirma não conseguir fazer. Nestes grupos, de forma mais evidente ou mais velada, se encontram os meios de comunicação, a elite política e do poder judiciário, as universidades e outros centros de formação do conhecimento, além das maiorias socialmente excluídas, como negros, indígenas, mulheres, população LGBTQIA+ e artistas. Além disso, parte da sua comunicação se estabelece pelo investimento em práticas de desinformação, tanto na eleição que o conduziu à presidência, quanto durante o seu mandato. A desinformação ocupou um espaço predominante nas redes sociais nas eleições de 2018 e se prolonga até o atual momento pandêmico, período em que as *fake news* se tornaram de fato mortais, a ponto de a OMS ter se referido à existência

de uma infodemia (FREIRE et al, 2021). Em síntese, populistas, como Bolsonaro, Trump e outros, buscam se aproximar dos eleitores com a narrativa de que tudo o que lhe é oposto deve ser considerado como inimigo de todos; assim, para ser aceito, o populista constrói uma imagem fictícia que luta contra as elites políticas. Essa figura é, geralmente, construída como uma pessoa humilde e “do povo”, para criar identificação com o eleitorado.

Na pandemia, em vez de adotar a postura defendida pela Organização Mundial da Saúde, que deu orientações aos diversos países, Bolsonaro preferiu agir na contramão e aprofundar as marcas do seu populismo autoritário, conceito que caracteriza lideranças como da extrema-direita (NORRIS; INGLEHART, 2019). Ao analisarem a comunicação de Bolsonaro no Twitter sobre a pandemia, Paulino e Waisbord (2021), afirmam que o presidente agiu como um negacionista, minimizando a pandemia e numa tentativa de ataque à liberdade de expressão, ao atacar a imprensa - por exemplo quando fez um tweet alegando que os jornais estavam mais interessados em disseminar o pânico do que na vida das pessoas. Os autores mostram que o presidente incentivou a população a continuar a vida normalmente, e desqualificou especialistas, médicos e organizações de saúde, qualificadas, na retórica bolsonarista, como comunistas. Em alguns tweets analisados pelos autores é possível observar que Bolsonaro utiliza da religião para expor seu ponto de vista e ideais diante da pandemia o que prejudica as ações da ciência e especialistas.

Esse comportamento, compartilhado por outras lideranças da ultradireita mundial, teve impactos severos sobre o desempenho dos países comandados por elas. Uma pesquisa da Oxford Covid-19 Government Response Tracker (OxCGRT), publicada pelo jornal The New York Times⁹, mostra que países governados por populistas tiveram um desempenho pior na pandemia. Segundo a pesquisa, os líderes do Brasil (Jair Bolsonaro), Rússia (Vladimir V. Putin), Estados Unidos (Donald Trump) e Grã-Bretanha (Boris Johnson) apresentaram o mesmo perfil autoritário de rejeitar a ciência e promover teorias da conspiração, além de criarem a dicotomia entre a saúde

⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/02/briefing/coronavirus-populist-leaders.html?searchResultPosition=99>

pública e a saúde financeira dos países. Assim, a literatura passou a propor o conceito de populismo médico, para tentar explicar o comportamento populista frente à pandemia.

De acordo com Lasco e Curato (2019, p. 1), o populismo médico se define como “um estilo político baseado numa performance sobre crises de saúde pública que tende a colocar ‘o povo’ contra o ‘establishment’” (tradução nossa). O conceito, trabalhado em um estudo anterior (LASCO; CURATO, 2019), foi proposto especialmente para caracterizar o que ocorreu no Brasil, nos Estados Unidos e nas Filipinas durante a crise da COVID-19. Assim, o populismo médico contempla quatro elementos: (i) uma dramatização da crise, que se enquadra nas falas produzidas pelo presidente; (ii) a fabricação de divisões, para criar oposições com o líder populista, cabendo à empresas, órgãos de saúde, institutos de pesquisa (divisão vertical), ou podendo ser pessoas de outras nacionalidades, ideologias políticas, gêneros e outros (divisão horizontal); (iii) alegações de conhecimentos que caracterizam as falas do presidente quando ele quer ocupar o lugar de especialista, seja na propagação de medicamentos ineficazes, como a cloroquina, ou mesmo no ataque a cientistas e no desestímulo das máscaras; e por último, (iv) a simplificação do conhecimento, quando o líder age como se a Covid-19 fosse um vírus qualquer - ou apenas uma gripezinha.

Assim, a polarização incitada por Bolsonaro, que transformou um assunto de saúde em discussão sobre opiniões divergentes, estimulou o crescimento de grupos de médicos alinhados ao negacionismo do presidente, os quais ofereceram tratamentos sem comprovação científica e com riscos aos pacientes, mesmo quando todas as evidências apontavam para o erro. Foi o caso do chamado kit-covid, composto pelos remédios cloroquina, hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina, os quais foram defendidos publicamente pelo presidente da República, estimulados por autoridades sanitárias de seu governo e cancelados por grupos de médicos, como a médica Nise Yamaguchi, uma especialista em oncologia. Sandra Si (2021) evidencia o erro desse movimento de estímulo:

Foi percebido o risco que estes pacientes correram ao serem tratados neste referido estudo, mas mesmo assim o tratamento com a medicação em tela foi recomendado pelo Ministério da Saúde do Brasil em vários

outros países, mesmo quando o ensaio apresentou vários problemas na execução farmacológica, como disfunção renal, efeitos cardiovasculares, arritmias e até a morte de pacientes. (2021, p.44).

Penaforte (2021), por sua vez, ressalta que a cloroquina ficou popular após o ex-presidente Donald Trump publicar sobre o medicamento no Twitter, sugerindo como um remédio seria promissor no combate ao vírus SARS COV-2. A partir disso, Bolsonaro passou a promover o medicamento em suas redes sociais, tendo determinado a compra e a produção de muitos medicamentos, com dinheiro público¹⁰.

Como se nota, o populismo médico capitaneado pelo presidente da República não se restringiu a uma retórica claramente negacionista; teve o efeito de atingir a relação entre médicos e pacientes. Penaforte (2021) afirma que os médicos, com respaldo do Ministério da Saúde, tiveram a possibilidade de defender medicamentos sem a devida comprovação que poderiam ser prescritos. O que não se confunde com autonomia do médico, a qual existe, mas para apostar em tratamentos com o respaldo da ciência. É o que afirma Casarões e Magalhães (2021): Bolsonaro e Trump usaram da hipótese imediata da cloroquina para evitar críticas ao seu posicionamento populista e, com isso, politizaram a pandemia, atraindo apoio de médicos, empresários e líderes religiosos conservadores.

As inclinações religiosas da atuação populista médica de Bolsonaro têm implicações tanto na política interna quanto na política externa. Após ser testado positivo para COVID-19, em 7 de julho, o presidente Bolsonaro anunciou que estava tomando cloroquina como parte de seu tratamento. Nesse dia, ele mencionou o remédio 17 vezes como uma potencial cura para a doença. Todas as ações de Bolsonaro desencadearam descontentamento em políticos opositores, sendo a falta de oxigênio em Manaus e os números de mortos que tiveram uma subida exponencial. Mas o populismo de Bolsonaro vai além (CASARÕES; MAGALHÃES, 2021, p. 207).

¹⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/governos-gastaram-ao-menos-18-milhoes-em-remedios-sem-eficacia-comprovada-contracovid-19-1-24603729>

Bolsonaro cometeu diversas ações contrárias às organizações de saúde e isso acabou levando a oposição, no Congresso Nacional, a criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para investigar ações e omissões do Governo Federal na condução da pandemia no país. A CPI funcionou durante os meses de abril a outubro de 2021. A CPI foi composta por dois relatores, os senadores Renan Calheiros, Randolfe Rodrigues e tendo como presidente da comissão o senador Omar Aziz. Após seis meses colhendo depoimentos, o relatório apontou que o presidente Bolsonaro teria cometido uma série de crimes. Segundo a Agência Senado¹¹, que publicou informações do relatório final da CPI da Covid, ao todo, foram atribuídos diretamente a Bolsonaro nove crimes, sendo eles: prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crime de responsabilidade e crimes contra a humanidade. Além de Bolsonaro, ministros, especialistas e outros políticos foram indiciados formalmente por crimes na pandemia. Dois ministros da saúde de Bolsonaro também foram indiciados: Eduardo Pazuello por epidemia com resultado morte, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, comunicação falsa de crime, crimes contra a humanidade nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos. Já Marcelo Queiroga, substituto do primeiro, foi indiciado pelos parlamentares por epidemia com resultado morte e prevaricação. Os filhos de Bolsonaro, Eduardo, Flávio e Carlos, foram indiciados por incitação ao crime.

3. O telejornalismo na crise da pandemia

Com o avanço da pandemia, o isolamento social passou a ser uma das principais medidas na prevenção do vírus. Empresas fecharam e passaram a funcionar por home office, aulas de escolas e faculdades passaram a ser por vídeo-chamada. As únicas exceções eram praticamente empresas da área da saúde e os

¹¹ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/com-nove-crimes-atribuidos-a-bolsonaro-relatorio-da-cpi-e-oficialmente-apresentado>

hospitais. Com isso, muitos trabalhos, como o jornalismo, precisaram modificar o modo de operação para cumprir com o papel de informar.

Com as pessoas mais tempo em casa, os telejornais passaram a ser bastante mais assistidos, com um aumento expressivo da audiência, como explica Letícia Renault (2020), quando o mundo desacelerou socioeconomicamente devido ao isolamento social, o jornalismo e a medicina foram extremamente cobrados pela sociedade para entregarem resultados sobre o combate da Covid-19, desta forma o jornalismo recuperou a audiência que tinha perdido nos últimos anos, tendo o Jornal Nacional, da TV Globo, chegado a atingir 38,1 pontos em São Paulo, sendo a maior média nesta década.

Diante do crescimento da importância do telejornalismo na pandemia, faz ainda mais sentido o propósito deste estudo em analisar como a televisão cobriu a crise e, sobretudo, de que maneira interpretou o comportamento negacionista do presidente diante da pandemia por SARS COV-2. Antes, porém, é importante caracterizar melhor os dois programas que vamos analisar no trabalho: o Fantástico, da Rede Globo, e o Domingo Espetacular, da Record TV.

O Fantástico é exibido desde 1973, nas noites de domingo, na Rede Globo. Ao longo dos anos, o programa se tornou um dos principais jornais da televisão brasileira, tendo por volta de 2 horas de duração intercalados com notícias, entretenimento e esportes. O Fantástico é apresentado, atualmente, por Poliana Abritta e Maju Coutinho, definido como um painel dinâmico e multifacetado de partes que a emissora produz (SILVA, 2013). Já a Record iniciou em 2004 a transmissão da revista eletrônica Domingo Espetacular, que tornou-se concorrente direta do Fantástico, com o formato semelhante e o mesmo horário de transmissão. O Domingo Espetacular tem em média 3 horas de duração, podendo variar, às vezes, com apresentação de notícias, curiosidades e entretenimento (SILVA, 2013).

Por serem revistas eletrônicas exibidas aos domingos à noite, possuem um formato que atrai o público que busca estar informado com conteúdos sérios e entretidos, ao mesmo tempo, com conteúdos mais leves, sem precisar buscar outra programação na grade das emissoras. O Fantástico, além de um forte investimento em temas de política e economia, tende a exibir conteúdos de esportes, de cultura e

partes de documentários, tem formato de séries exibidas ao longo de várias edições, sobre diferentes temas. Já o Domingo Espetacular possui como apresentadores fixos Carolina Ferraz e Eduardo Ribeiro. No site da TV Record, salienta-se que o objetivo do jornal “é oferecer um jornalismo ágil e moderno, trazendo comportamento, ciência, esporte, aventura, turismo, denúncia, medicina e também apresentar os principais fatos que marcaram a semana no Brasil e no mundo.” As curiosidades e os casos insólitos são uma marca do programa, que também investe bastante em conteúdos sobre criminalidade e vida privada de artistas.

A escolha desses dois programas televisivos para a análise não é aleatória. Alguns trabalhos têm demonstrado que a Record TV adotou um alinhamento bastante significativo ao governo Bolsonaro, desde as eleições de 2018, muito influenciado pelo peso da Igreja Universal do Reino de Deus (PORTO; NEVES; LIMA, 2020), tendo mantido uma cobertura alinhada também na pandemia, como mostram Araújo e Guazina (2021). Segundo a análise feita pelos autores, o telejornal minimizou ou apagou alguns dos comportamentos do presidente na pandemia, como o desincentivo pelo uso de máscaras, na medida em que reportagens do Jornal da Record, o principal telejornal da emissora, não chamou a atenção para várias dessas contradições do de Bolsonaro, tendo-o enquadrado como um líder preocupado com o país. Esse tipo de enquadramento também poderia ser observado no programa dominical da emissora? É o que vamos analisar adiante.

4. Metodologia

O objetivo deste trabalho, como já salientamos, é analisar a cobertura sobre a pandemia de Covid-19 no Fantástico, da TV Globo, e no Domingo Espetacular, da Record TV, bem como os enquadramentos conferidos à postura negacionista de Jair Bolsonaro na crise. Para esta análise, escolhemos cinco meses que foram marcantes na crise sanitária, sendo eles: abril de 2020, mês com uma subida exponencial nos números de infectados e mortos; agosto de 2020, quando o Brasil somou 100 mil mortos por Covid-19; janeiro de 2021, quando ocorreu o colapso na saúde em

Manaus; maio de 2021, quando foi instalado a CPI da Covid-19; e por último, outubro de 2021, quando a CPI da Covid-19 é encerrada. As edições veiculadas nestes meses compreendem momentos cruciais da crise sanitária no Brasil, desde os primeiros momentos até os pontos mais críticos, como a estatísticas de mortes e casos diários e em termos de consequências políticas, com a instalação de uma Comissão de Inquérito para investigar as ações do governo nesse processo.

Esclarecemos que a análise se baseia nas edições disponíveis nos aplicativos das emissoras, visto que não há outro meio de ter acesso ao conteúdo na íntegra. Após assistirmos as edições veiculadas naqueles meses, por meio dos aplicativos Globo Play e Play Plus, foram identificados 93 conteúdos jornalísticos relacionados com a pandemia de Covid-19 no Domingo Espetacular, e 215 conteúdos no Fantástico, divididos em diferentes gêneros do telejornalismo. Esse é, pois, o material que compõe o corpus deste trabalho. Para analisar o conteúdo das matérias do corpus, usamos uma estratégia quanti-qualitativa, combinando dois métodos: uma análise, com categorias pré-definidas de estudo de cobertura, e a análise de enquadramento. A primeira vai permitir compor os principais temas do Domingo Espetacular e do Fantástico sobre a cobertura da Covid-19, os tempos destinados a cada tema, as vozes que aparecem na cobertura, além de analisar as condições de visibilidade de Bolsonaro, verificando quantas vezes aparece nas matérias, quando e por quanto tempo ele fala.

Já na análise de enquadramento, método qualitativo, estudaremos como Jair Bolsonaro fora representado nos dois telejornais. Importante destacar que o enquadramento verifica como a realidade foi percebida em termos de identificação dos problemas, definição de causas e consequências, avaliações morais e construção de soluções (ENTMAN, 1993). O enquadramento tem a ver com a interpretação midiática de um fenômeno ou prática. Assim, em articulação com essa noção, adotaremos, como referência para guiar a nossa interpretação, as estratégias de populismo médico sistematizadas por Lasco (2020): forjamento de divisão, alegação de conhecimento, dramatização e simplificação da crise.

5. Análise e discussão dos resultados

Cobertura da pandemia: tematização, vozes e visibilidade jornalística

Desde o início da pandemia, as revistas eletrônicas passaram a cobrir a Covid-19, com atualizações semanais sobre a doença. Em ambos os jornais são apresentados gráficos sobre o avanço da pandemia no país, contendo informações de mortes, infectados e a média móvel por estado. Enquanto o Fantástico divulgou os dados em todas as edições analisadas, no Domingo Espetacular, houve edições em que não foram atualizados os dados.

Durante os meses analisados, como podemos observar até pelo número de materiais coletados, as duas revistas eletrônicas cobriram a pandemia com grande diferença de quantidade de conteúdo: do Domingo Espetacular, coletamos um total de 93 conteúdos jornalísticos e, do Fantástico, 215. Nota-se, desde logo, o menor número de conteúdos sobre a pandemia no programa da Record, que teve duas edições, no período, sem citar a Covid-19: no dia 10 de janeiro de 2021, semana em que o Brasil atingiu 200 mil mortes, e no dia 17 de outubro de 2021, momento em que a CPI está se encaminhando para o final. Essa diferença pode ser explicável pelas escolhas editoriais de cada programa: o Fantástico apresenta uma variedade maior de gêneros jornalísticos (VTs, notas cobertas e notas peladas), promovendo uma cobertura mais fragmentada, o que torna o assunto mais presente ao longo da edição.

Já o Domingo Espetacular apresenta um padrão muito frequente de reportagens bem maiores (VTs completos), com o tempo entre 10 e 13 minutos de duração, o que não significa necessariamente maior atenção ao tema, mas um efeito de concentração do assunto num momento do jornal. Além disso, houve edições em que o Domingo Espetacular não exibiu nenhum conteúdo sobre a Covid-19, nos dias 10/01/2021 e 17/10/2021. Contabilizando, porém, conteúdos do Fantástico em ambos os dias, identificamos 10 conteúdos jornalísticos.

Passando aos demais dados, observamos, em primeiro lugar, a tematização da pandemia em ambos os programas. Vamos destacar aqui os quatro temas principais em cada um. Como mostra o Gráfico 1, no Fantástico, as quatro temáticas principais são: cuidados (14,88%), dados da covid no Brasil (11,6%), vacinação

(10,23%) e covid em outros países (9,30%). Por sua vez, o Domingo Espetacular privilegia matérias sobre: dados da covid no Brasil (19,35%), solidariedade (11,88%), vacinação (9,67%) e brasileiros no exterior (8,60%).

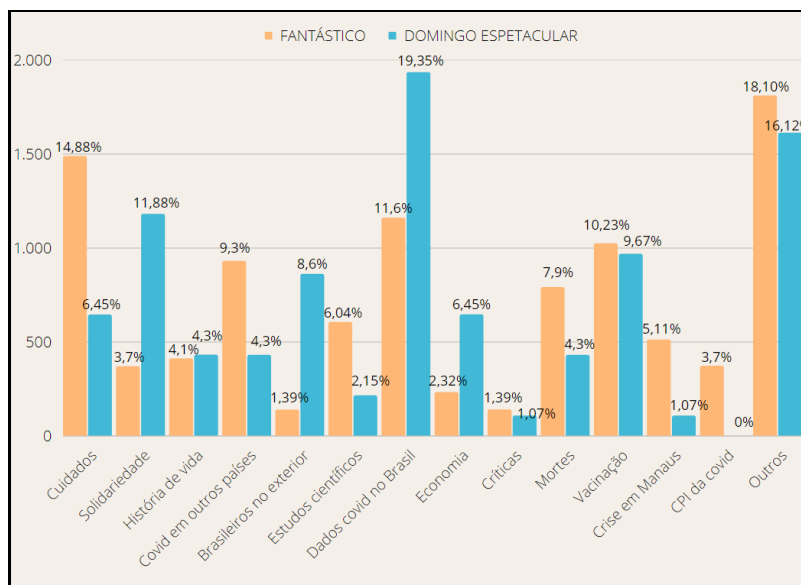


GRÁFICO 1 – Principais temáticas no Fantástico e no Domingo Espetacular

FONTE – Elaboração própria

Algo que chamou a nossa atenção foi o fato de que o Domingo Espetacular ignorou a existência de um dos pontos mais comentados sobre o presidente e sobre a pandemia: a CPI da Covid-19 não teve conteúdo jornalístico no Domingo Espetacular durante os cinco meses analisados. Esse apagamento significa bastante no contexto desta pesquisa, já que a CPI expõe diversas omissões do Governo Federal na pandemia. Não mostrar esses trabalhos parece significar um movimento deliberado de alinhamento a Bolsonaro. Ao contrário da Record, na Globo, o Fantástico produziu oito reportagens sobre a CPI da Covid-19. A cobertura da CPI da Covid no Fantástico apresentou os bastidores durante os intervalos, as pessoas que estavam prestando depoimentos, conversou com os participantes que compõem a comissão. Ao todo foram 8 reportagens sobre o assunto durante os meses assistidos. O Fantástico deu bastante destaque ao depoimento que envolvesse a empresa

Prevent Senior e o depoimento chocante sobre o possível uso de idosos como cobaias de tratamentos ineficazes.

Outro assunto que nos interessou foi verificar as vozes/fontes ouvidas nas matérias sobre a pandemia da Covid-19. Aqui também vamos destacar as quatro principais fontes. Como vemos no Gráfico 2, que compila os dados das fontes, nas matérias do Fantástico, as quatro principais foram: fontes oficiais/governamentais (35,80%), pessoas comuns/vítimas/testemunhas (25,98%), especialista/profissionais da saúde (19,97%) e notáveis (5,11%). Já no Domingo Espetacular, pessoas comuns/vítimas/testemunhas (38,70%), fontes oficiais/governamentais (27,90%), especialistas/profissionais da saúde (20,42%) e notáveis (4,30%).

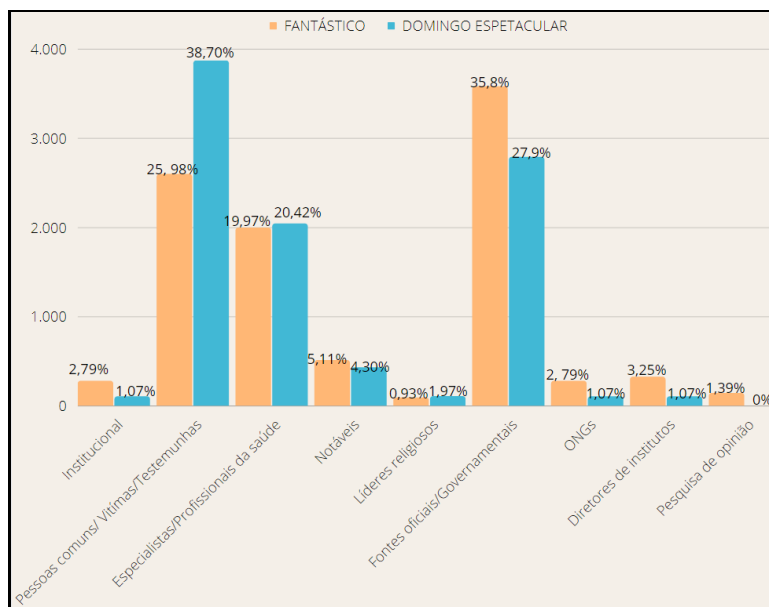


GRÁFICO 2 – Principais fontes da cobertura no Fantástico e no Domingo Espetacular

FONTE – Elaboração própria

Uma questão importante a destacar é que, embora tenhamos uma presença forte de vozes de especialistas/profissionais entre as fontes, o perfil dos nomes ouvidos tem diferenças de um programa para o outro. No Domingo Espetacular, duas situações chamam a atenção: a entrevista com a médica Nise Yamaguchi, produzida no dia 12/04/2020, uma das principais defensoras do chamado kit-Covid, medicamentos defendidos por Bolsonaro como possíveis curas para a pandemia.

Durante os cinco meses analisados, houve duas pesquisas do Instituto Datafolha acerca do desempenho de Bolsonaro durante a pandemia, uma em 05/04/2020 e outra em 24/01/2021, em ambas as pesquisas o desempenho de Bolsonaro tem uma queda na aprovação e um aumento na reprovação. Fatos que demonstram um alinhamento de pensamentos entre as reportagens e o presidente.

Representações de Bolsonaro no Fantástico e no Domingo Espetacular

Para esta parte da pesquisa, trabalhamos com duas hipóteses: (i) a primeira é de que a representação de Bolsonaro é diferente nos dois programas: o Fantástico o crítica mais duramente, enquanto o Domingo Espetacular se mantém um tom bastante mais ameno; (ii) da mesma forma, temos como hipótese que a Record TV aposta em enquadramentos da crise que são mais alinhados ao discurso de Bolsonaro sobre a pandemia, criando um efeito de alinhamento ao negacionismo de Bolsonaro.

Nos materiais analisados, Jair Bolsonaro aparece 24 vezes no Fantástico e 9 vezes no Domingo Espetacular, tanto em vídeos como em fotos. A maior visibilidade de Bolsonaro na Globo acontece em contextos de crítica constante à postura adotada na pandemia. Já no Domingo Espetacular, a imagem do presidente aparece menos da metade de vezes do que no mesmo período comparado ao Fantástico, em assuntos relacionados à Covid-19. No programa da Record, a imagem de Jair Bolsonaro é exposta com cautela: das 9 vezes que sua imagem é exibida no telejornal, 2 são sobre as manifestações de apoio ao governo, mas sem criticar as aglomerações promovidas pelo presidente.

Na análise do conjunto de matérias, identificamos, por outro lado, os enquadramentos predominantes nos dois programas, para verificar como Bolsonaro aparece. A tabela abaixo compara os enquadramentos identificados.

TABELA 1

Enquadramentos sobre Bolsonaro na crise

Fantástico	Domingo Espetacular
Discursos anti-ciência/negacionismo	Enaltecimento da cloroquina e "tratamento precoce"
Desrespeito às medidas de prevenção	Relativização da doença gravidade
Impactos sobre o sistema de saúde e destaque à CPI da Covid-19	Dualidade saúde x economia

FONTE – Elaboração própria

Observando os dados do Domingo Espetacular, um exemplo do enquadramento Destaque e Enaltecimento da Cloroquina, o que representa um certo alinhamento do programa ao governo, se dá quando no dia 12/04/2020, o Domingo Espetacular exibe uma reportagem chamada "Coronavírus: Cloroquina ajuda na cura" de 13 minutos e 20 segundos, no qual afirmam que a cloroquina é uma aliada no tratamento do coronavírus, tendo como entrevistada a médica e especialista a Nise Yamaguchi, conselheira de Jair Bolsonaro e que foi intimada a depor na CPI da Covid por defender o uso do medicamento sem comprovação científica. Para demonstrar a diferença de abordagem, o tema sobre os testes de medicações também foi exibido no Fantástico no mesmo dia com uma reportagem de 7 minutos e 39 segundos, tendo como principal ponto de vista a primeira fase de pesquisa do remédio, com a ajuda de animações é explicado sobre as fases em que o medicamento teria que ser aprovado para que pudessem se tornar um aliado ao combate do vírus. Houve outra reportagem sobre o mesmo tema no dia 19/04/2020, o qual o jornal se manteve no mesmo ponto de vista, em ambas as reportagens nenhum remédio teve seu nome divulgado

Após algumas semanas divulgando apenas os números de mortes e de casos, assim como o Fantástico, na edição do dia 26/04/2020 o Domingo Espetacular iniciou a divulgação dos números de recuperados da Covid-19 no Brasil, mudança esta que é imposta ao jornal decorrente à implementação do tópico "recuperados" nas divulgações dos dados da pandemia do Ministério da Saúde, no dia 14/04/2020. O então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, chegou a nomear esses dados como "Placar da Vida". Essa é uma das questões relacionadas com o enquadramento "Relativização da doença gravidade", na medida em que destacar aspectos positivos

em meio ao crescimento vertiginoso de uma curva bastante negativa pode criar uma falsa ideia de que as coisas podem estar melhorando. É, aliás, uma tentativa de minimizar a crise, sendo mais um exemplo das características do populismo médico de Lasco e Curato (2019). O último enquadramento que destacamos é a “Falsa dualidade saúde x economia”, é notável que o Domingo Espetacular explora, em reportagens, assuntos como a pobreza na pandemia e a escassez de emprego. Ao mesmo tempo em que o programa ensina a fazer máscaras de tecido em casa, eles buscam mostrar os impactos econômicos que a pandemia causou com a paralisação dos comércios.

Já nos enquadramentos do Fantástico, aquele que denominados de “Desvalorização e negacionismo da pandemia” tem a ver com as diversas reportagens que destacam a insensibilidade do Presidente diminuindo a gravidade do coronavírus e promovendo aglomerações em protestos a favor do governo e contra o Supremo Tribunal Federal (STF). No geral, o Fantástico constrói, ao longo da análise, a imagem de um negacionista que está promovendo o caos e está levando o Brasil à destruição. Um dos momentos que reforça este ponto é uma, no dia 09/08/2020, em que o médico Drauzio Varella aponta os erros das autoridades máximas diante da pandemia. Não está explícito o nome de Jair Bolsonaro, mas sabemos que a autoridade máxima no Brasil é o Presidente da República, junto ao ministro da saúde, que, no momento desta edição, era Eduardo Pazuello. De fato, o Fantástico, ao contrário do Domingo Espetacular, adota tom bastante crítico, chamando a atenção para as contradições do presidente em relação às orientações da ciência.

6. Considerações finais

Com este trabalho, buscamos colaborar para o entendimento da ação do populismo na pandemia de covid-19 e como o jornalismo interpreta esse fenômeno em nome do interesse público. Este estudo analisou como o Domingo Espetacular, da Record TV, e o fantástico, da Rede Globo, enquadraram o presidente Jair Bolsonaro acerca da pandemia de covid-19 no Brasil. Selecionamos cinco meses marcantes da

pandemia para serem analisados: abril de 2020, agosto de 2020, janeiro de 2021, maio de 2021, e outubro de 2021.

A análise demonstra as diferenças entre as fontes ouvidas pelos programas. O Fantástico exibiu pesquisas de opinião pública acerca da atuação de Bolsonaro na pandemia, enquanto o Domingo Espetacular ignorou as pesquisas que apontaram um resultado de descontentamento com a atuação do presidente. O ponto que reforçou sobre o alinhamento do programa da Record TV com Bolsonaro é a escolha por não exibir reportagens sobre a CPI da covid. Durante toda o estudo o tema não foi abordado em nenhum momento do programa.

O Fantástico adota um posicionamento crítico à imagem de Bolsonaro, no programa o presidente é retratado com um homem que não respeita a ciência. Já o Domingo Espetacular expões com cautela a imagem de Bolsonaro e não faz críticas diretas.

Em suma, o estudo sobre a representação do populismo na imprensa brasileira ajuda a entender de que maneira os meios de comunicação interpretam posicionamentos populistas e negacionistas de políticos.

7. Referências

ARAÚJO, Bruno; GUAZINA, Liziane. Apropriações Da Comunicação Populista De Jair Bolsonaro No Jornal Nacional E No Jornal Da Record Em Tempos De Pandemia De Covid-19. **Compólitica**, 9º edição, maio 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1APBcKOTIYRI94wMsiSbiOcbE57hpRiXS/view>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BUCCI, Eugênio. **Profissões diferentes requerem códigos de ética diferentes**. 2006. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/profissoes-diferentes-requerem-codigos-de-etica-diferentes/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BRITES, Francielly; PORCELLO, Flávio. Verdade x mentira: a ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil. In: **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Intercom**. 2018.

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. A aliança da hidroxiquina: como líderes de extrema direita e pregadores da ciência alternativa se uniram para promover uma droga milagrosa. **Revista de Administração Pública**, v. 55, p. 197-214, 2021.

ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, [S.L.], v. 43, n. 4, p. 51-58, 1 dez. 1993. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>.

FISCHER, Sandra; VAZ, Aline. Populismo no Brasil de contrapositores: manipulação do autêntico e profanação do contrário. **Agenda Política**: Direitas na América Latina hoje, São Carlos, v. 8, n. 1, p. 131-156, 30 abr. 2020. Quadrimestral.

FREIRE, Neyson Pinheiro et al. A infodemia transcende a pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4065-4068, 2021.

GALHARDI, Cláudia Pereira; FREIRE, Neyson Pinheiro; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FAGUNDES, Maria Clara Marques. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **SciELO**, ??, v. 2, n. 45, p. 4201-4210, 17 set. 2020..

LASCO2020 <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17441692.2020.1807581?src=recsys>

LASCO, Gideão; CURADO, Nicolle. Populismo médico. **Ciências Sociais e Medicina**, v. 221, p. 1-8, 2019.

MORAIS, Jennifer Azambuja de; COSTA, Andressa Liegi Vieira; BERNARDI, Ana Julia Bonzanini. Populismo, polarização política e a pandemia do coronavírus: Donald Trump e a opinião pública nos Estados Unidos. **Revista Debates**: revista de ciências sociais, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 126-149, Não é um mês valido! 2020. Quadrimestral.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. Populism: a very short introduction. Nova York: Oxford University Press, 2017.

NORRIS, P.; INGELHART, R. Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005. 216 p. (Volume 2).

LUIZ, Thiago Cury. Populismo e desinformação no contexto da Covid-19: uma reflexão em torno das manifestações de Jair Bolsonaro durante a pandemia. **Mediapolis**: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, Coimbra, v. 11, p. 57-70, 28 dez. 2020. Semestral.

PAULINO, Fernando Oliveira; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, [S.L.], n. 12, p. 33-48, 20 abr. 2021. Coimbra University Press. http://dx.doi.org/10.14195/2183-6019_12_2.

PENAFORTE, Thais Rodrigues. **O negacionismo enquanto política: o debate da cloroquina em uma comissão parlamentar**. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2021.v37n7/e00023021/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

PORTO, Mauro; NEVES, Daniela; LIMA, Bárbara. Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político. **Compública**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 5-34, 29 maio 2020. <http://dx.doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.1.367>.

RENAULT, Letícia. O telejornal vai à guerra: A cobertura da pandemia de coronavírus no Brasil sob ataques do governo. In: EMERIM, Cárllinda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (org). **Telejornalismo Contemporâneo**: 15 anos da rede telejor. Florianópolis: Insular, 2020. Cap. 7. p. 104-117. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?Pandemia+telejornalismo>. Acesso em: 5 abr. 2022.